

Ilustração do Livro

Século XVIII

Chegamos neste pequeno estudo ao século XVIII. É a época em que as manifestações artísticas tomam grande incremento.

A actividade humana, não só em Portugal, mas em todos os centros de Arte, encontrava-se fatigada dos preconceitos políticos e religiosos, que importavam para o livro as formulas pesadas, os frontispícios arquitetónicos com os nichos, cheios de figuras religiosas.

Já ia longe a época do renascimento, o ciclo das cavalaria e dos senhores medievais.

Impunha-se um regresso à natureza. A ilustração do livro, neste século, torna-se ligeira, amorosa, uma manifestação alegre do trabalho humano.

Os frontispícios emoldurados, cheios de grinaldas, as vinhetas, os cabeções, as letras capitais são outros tantos motivos donde brilha com toda a liberdade e esplendor o desenho e a gravura. Para esta modificação, concorreu em Portugal, como de resto em França, a governação pública.

D. João V, ocupando o trono português, toda a primeira metade deste século, dispensou às Artes portuguesas uma generosa protecção.

Para isso, dispendeu grandes somas, com que subsidiava várias Academias, e mandou vir do estrangeiro, sobretudo de França e de Itália, bons artistas, que tomaram parte importante no renascimento português, dando à Arte um brilho nada vulgar.

É o que, com detalhe, vamos expor.

Pelos principios deste século, Clemente Billingue, continuando, ainda, a feição retratista da época antecedente, representa em gravura, além de outros, João Fernandes Vieira, Galvão de Andrade, D. Pedro II, etc.

Cerca de 1723, Pedro Massili grava, à maneira negra, o retrato de Diogo de Couto, e uma bela estampa de Nossa Senhora do Castelo da obra o *Castelo Forte*, de João Lopes Correia.

Foi este um dos raros artistas que utilizou este processo de gravura.

Entre a série de gravadores portugueses, sobressai, Francisco Vieira Lusitano.

Foi um dos artistas, que, passando à Itália, aí se amestrou na sua Arte, obtendo os primeiros prémios.

Trabalhou para a Academia de História até 1735, como desenhador; e, de seguida, até 1737, também como gravador.

Ilustrou, além de outras obras, as *Memorias para a Historia de D. João I* (1730), as *Memorias dos Templarios* de Alexandre Ferreira (1735), a *Geografia Historica de todos os Estados da Europa* de Luís Caetano de Lima (1734), com desenhos de pagina alusivos aos assuntos das obras, e com gravuras de Pedro de Rochefort e Francisco Harrewyn.

As *Memorias para a Historia de D. João I* têm belas letras historiadas, com scenas de trabalhos de lavoura, e vinhetas representando combates, caravelas e cornucópias cheias de flores.

Dos artistas estrangeiros, que, neste século, concorreram para o brilho da ilustração do livro, começaremos, cronologicamente, por citar Gabriel Rousseau.

Trabalhou este para a Academia da História, averiguadamente, desde doze de dezembro de 1735 a novembro de 1736.

LIVRES

Gravou alguma figuras de Templários, da obra já acima citada, e as *Memorias dos Templarios*, que Vieira Lusitano ilustrou.

Gravou, ainda, para as *Memorias de Malta* (1734) e para a *Historia de Christo* de António de Cerqueira Pinto (1737) duas interessantes estampas.

Devem ser mencionados, como artistas de segunda ordem, neste período, M. Freire (1713), João Gomes, José Mateus (1735), e Bernardo Fernandes, gravando este, ainda, frontispícios ao estilo do século anterior.

Bernardo Picart grava, além de outras, a obra *De vita et rebus gestis Nonni Alveresii Pyreriae*.

Pedro Massar de Rochefort, outro artista estrangeiro, natural da Holanda, trabalhou incessantemente para a Academia da História desde 1728 a 1740, com o ordenado primeiramente de 300 mil reis e mais tarde de 600 e ainda 660.

E' sobretudo notável na maneira como grava e desenha as letras capitais das obras para que trabalha.

Não deixou de cooperar em quasi todas as obras que a Academia editou nesta época, tais como: *Memórias dos Templários*, *Memórias Ecclesiasticas de Braga* (1732), *Memórias de D. Sebastião* (1736), *Antiquitatibus Conventus Bracarense* (1738), etc. Seu filho Carlos de Rochefort, também se tornou notavel, havendo dele gravuras em várias obras, como se pode vêr na tradução portuguesa da *Historia Universal* de Vallemont (1737).

De Bruxelas veio, para Portugal, Francisco Harrewyn; e, aqui, como desenhador e gravador largamente se evidenciou.

Podem ser apreciados os seus merecimentos nas obras: *Antiquitatibus Conventus Bracarense*, *Collecção dos documentos e memorias da Academia*

Real da Historia Portuguesa (1729).

Nas *Ultimas acções do Duque de Cadaval* (1730), existem dele belas gravuras; figurando nesta obra, também, Teodoro André Harrewyn, talvez parente de aquele, o qual, como *abridor de estampas* trabalhou para a Academia de 1726 a 1755.

Francisco Harrewyn gravou as figuras de D. João IV, Afonso VI, Pedro II e D. João V.

Ha dele, também, interessantes vinhetas no *Jardim Carmelitano* de Estevão Sant'Ana (1741).

Pedro Antonio Quillard, natural de Paris, passou a Portugal com o medico suiço Merveilleux, e apresentado a D. João V, este o nomeou pintor e desenhador da Academia da Historia.

Quillard parecia seguir a maneira de Wateau, como se pode vêr na gravura o *Outavado*. Dele restam muitas produções, podendo notar-se algumas nas *Ultimas Acções do Duque de Cadaval*, onde ha uma bela gravura, de que Quillard foi o ilustrador e gravador, representando o Marquês de Marialva, um luzido cortejo militar no enterro do Duque de Cadaval, e o retrato de D. Nuno, de idade de 88 anos.

Guilherme Francisco Debrie, francês, foi, dos estrangeiros que vieram a Portugal, talvez o de maior merecimento.

Recebia em 1735 e 36, da Academia de Historia, o ordenado anual de 480 mil reis, passando em 1737 a cobrar, alem desta importancia, o aluguel da casa.

A sua obra é imensa e de grande merecimento. Belas capitais ornamentadas, cabeções, vinhetas, estampas, etc. Personifica, em Portugal, o estilo da época; ligeireza e beleza, flores e scenas da natureza.

Não cabe, na estreiteza deste artigo, analisar a obra de Debrie.

Deixou grande número de retra-

tos gravados, como o de Diogo de Mendonça Corte Real, D. João V. D. Sebastião, etc.

Trabalhou largamente para a *Historia Genealogica*, onde ha dele soberbos cabeções e vinhetas.

A estampa «*Outavado*», dança portuguesa, na qual ele trabalhou, é uma das melhores gravuras feitas em Portugal

De Orleans, veio Luís Simoneau, de quem frequentemente se acha



Outavado — Dança portuguesa

Gravura de A. Guillard.

menção nas obras da Academia de Historia, por exemplo na *Vida do P. Vieira* de André de Barros (1746).

Francisco Xavier Freire (1745), Miguel Le Bouteaux (1736), Oliveira Cor (1746), J. Custodio de Sá (1750), Bento Morganty (1750), Januario Antonio Xavier (1759), são artistas de merecimento e mais ou menos influenciados pelos estrangeiros que já citamos, e a que devemos juntar, João Silverio Carpinetti, que deixou trabalhos seus na *Recre-*

ação Philosophica (1757) de Teodoro de Almeida, e noutras obras.

Joaquim Carneiro da Silva, desempenhou, nesta época, um papel importante, pois foi o Director da aula de gravura que junto á Imprensa Regia se estabeleceu em 1769.

Foi por esta escola que passaram grande número de discípulos, que mais tarde se tornaram notáveis.

Foi um artista notavel, ilustrando e gravando muitas obras.

Fez perto de uma centena de desenhos para a obra *Luz da liberal e nobre arte de Cavalaria*, de Manuel Carlos de Andrade (1790), e que Gaspar Frois Machado, outro artista ilustre, gravou na maior parte.

Na obra *Estrangeiros no Lima* de Manuel G. de Lima Bezerra, ha interessantes gravuras assinadas por F. S. Bruno e por Ventura da Silva

Nas *Satyrae de Horacio* (1791), e no *Almanaque de Lisboa* (1789), da Academia Real das Sciencias, ha formosas vinhetas de F. Godinho.

A Italia e a Inglaterra eram, nesta época, as escolas dos nossos artistas.

A' Inglaterra foram estudar Manuel Marques de Aguillar e Gregório Francisco Queirós.

Antes de falarmos deste grande artista, não podemos deixar de mencionar José Lucio da Costa, que deixou grande número de estampas, como no *Tratado de Artilharia* traduzido por Antonio Teixeira Rebelo (1792), algumas delas referentes ao assunto do livro, e como no *Compendio das Minas* de José Antonio da Rosa (1794), etc.

Francisco Queirós já gravava cerca de 1792, como o atesta o *Compendio da Vida* de Eusebio Luciano de Carvalho P. da Silva (1792), gravando seguidamente para os *Elementos de Cirurgia Ocular* de Joaquim José de Sant'Ana (1793),

LIVRES

para o *Systema de Cirurgia* e para o *Curso Completo de Cirurgia* de Benjamin Bill (1794).

Em 1796 foi Queirós como pensionista para Londres, onde estudou, sendo discípulo de Bartolozzi.

Voltando a Portugal, aqui continuou a gravar, deixando uma vasta obra, que será analisada no estudo que faremos do século seguinte.

A gravura portuguesa atinge a sua perfeição.

Quer nas escolas portuguesas, quer nas estrangeiras, os nossos artistas, melhoram, completam-se.

Queirós, Bartolozzi, Vieira Portuense, Sequeira elevam a arte portuguesa a um nível nunca atingido, e de que falaremos no próximo número.

Ataide e Melo

Registando

OBRAS PUBLICADAS EM PORTUGAL, EM JUNHO
DE 1925 * * * * *

Arte

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho. — *Arte e Arqueologia* pref. de Aarão de Lacerda. Coimbra. Imp. da Univ. 1925. — vol. XXV + 327 pgs. 52 est. Tirag. esp. em papel Leorne 14 ex.^s, 35 em linho nacional.

— Catálogo da Exposição d'Arte realizada em Junho de 1925 em honra do Congresso para o Progresso das Ciências. Coimbra. Imp. da Univ. 1925 — op. 22 pg.

Heraldica

Artur da Mota Alves — *O Brasão da*

vila de Amarante. Memória para o estudo de um brasão de armas da vila de Amarante... Coimbra, da vila de Univ. 1925. — op. 61 Imp. da Univ. Tiragem 200 ex. sendo pgs. 5 est. 30 em linho.

Literatura

Cabreira (António) — *A Voz do Sangue. Correção do livro «A Invasão dos Judeus»*. — Lisboa, Tip. Inglesa Limitada, 1925; folh. 50 p. 8.^o c. diversos retr. do A. e com retr. de Tomás Cabreira. Caldas Aulette (F. Julio) — *Selecta nacional. Curso pratico de literatura portuguesa. Corrigida e aumentada pelo Dr. Tomaz de Carvalho. I Parte, 21.^a ed.* — Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1922; 462 p. 8.^o.

Castro Osório (Ana de) — *O Direito da mãe (Novela)*. — Porto, Américo Fraga Lamas & C.^a L.^{da}, 1925; 229 p. 8.^o — 8\$00

Dias Sancho (José) — *A paisagem, a mulher e o amor nos versos de João Lucio, Candido Guerreiro e Bernardo de Passos*. — Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1925; 87 p. 8.^o —

Fialho de Almeida — *Actores e actores (Impressões de teatro)*. — Lisboa, A. M. Teixeira & C.^a (Filhos), 1925; 299 p. 8.^o — 8\$00 ed. esp. — 30\$00.

Grave (João) — *Os Vivos e os mortos*. — Porto, Lelo & Irmão L.^{da}, 1925; 212 p. 8.^o — 7\$00.

Haggard (Rider) — *As minas de Salomão. Trad. revista por Eça de Queiroz, 7.^a ed.* — Porto, Lelo & Irmão L.^{da}, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1925; 262 p. 8.^o — 7\$00.

Morais (Manuel) — *Legendas da tarde. Edição do autor*. — Porto, Companhia Portuguesa Editora, L.^{da}, [1925]; folh. 96 p. 8.^o — 6\$50